



por *Ab. Garibaldi*

*À Academia Vimaranesse*

*oferece, dedica e consagra*

**O AUTOR.**

*A* briosa Academia, Nicolau,  
Em teu louvor, vem dar o seu "Pregão";  
Faz minga, p'ra viver, lume no olho,  
Que andam turvas as coisas da Nação;  
Apesar de o Tenreiro estar **de molho**,  
Continua mais caro o bacalhau;  
E como já acabou a ditadura,  
Não precisa o "Pregão" de ir à Censura...

Criou-se p'ra aí um cívico serviço,  
P'ra todos trabalharem, lado a lado;  
Mas trabalhar, porém, ninguém vê isso,  
É uma criação sem resultado:  
Que os nossos rapagões de "três estalos"  
Afimam pensar: trabalhar faz calos...

No liceu, cada vez se estuda menos,  
Que a política está em toda a banda;  
O estudar é coisa de somenos,  
Pois só pensa em fazer-se propaganda.

Diz a má-língua para aí, então,  
Que não é competente a comissão  
De gestão, e é também autoritária;  
E que boicota as festas nicolinas...  
(Sabemos que há no mundo almas felinas  
E que existe também muita alimária.)

E por falta, também, de instalações,  
As turmas do liceu estão dispersas,  
O que pode agravar as relações  
Entre a malta da Escola Industrial;  
Devido a rixas velhas e diversas,  
O que deve julgar-se um grande mal.

Igualmente os horários das lições  
Estão cheios de inúmeros senões,  
Não se encontram isentos de defeitos:  
Sendo pelos professores organizados,  
São os alunos os prejudicados,  
Apenas aos primeiros dão proveito.

A falta de transportes é notória  
E agrava a quem estuda a situação;  
Se existe protecção, é uma **história**,  
Não chega a nada aquilo que nos dão.

Saindo-se do âmbito liceal,  
Há igualmente um mal-estar geral,  
E sobe o côro das lamentações:  
Há colóquijs, pressões, mesas-redondas,  
Muito quem faça e quem não faça ondas,  
E quem proteste, com e sem razões.



A Universidade vai p'ra Braga;  
Guimarães, que mais paga,  
Não abicha nem uma Faculdade;  
Perante essa injustiça, noite e dia,  
Surge activa, viril, com galhardia,  
Dos vimaranenses a "Unidade".

Porque a verdade é esta: bem podia  
A Faculdade de Engenharia  
Ser destinada a nós;  
Pois uma asneira grande já fizeram  
Quando um dia puseram  
O Parque Industrial em Celeirós.

Em relação ao caso do Cicap,  
É bom que à nossa mente não escape  
Que o nosso Regimento está na berra;  
E já que se oferece a ocasião,  
Podia o general Fabião  
Transferir o Cicap p'ra a nossa Terra...

Que os deputados, na Constituinte,  
Por Guimarães, com vigoroso acinte,  
Soltem em alta voz brados e urros;  
No tempo do fascismo não falavam:  
Eles se limitavam  
A acenar a cabeça, como os burros...

Lembrou-se aí alguém de organizar  
A "Feira Popular"  
É sobre o assunto algo p'ra aí se diz:  
A ideia foi deveras excelente,  
Mas foi a actuação deficiente,  
E portanto, infeliz!

Lastima-se o Zé-Povo que a Central  
De Camionagem se situa mal,  
Por mal policiada, e pouco à beira:  
Tal facto lamentável nos tem dado  
Como único e simples resultado  
Que pulula por lá a ladroeira...

Verifica-se a falta acentuada  
De um bom número de casas da chamada  
Habitação social.  
E como sobre tal não se faz nada,  
Isso é um grande mal.

As ruas, salvo seja,  
P'ra um bom olho que veja,  
Estão cheias de buracos, meus amigos;  
E terra que turística se preza  
Não se pode orgulhar de tal **beleza**  
Que só lhe pode dar vergonha e perigos...

Como o ano foi seco, o que dá mágoa,  
Continua a sentir-se a falta de água;  
Ao menos, que haja bom, e baratinho,  
O nosso rico vinho!

Enquanto em Braga a Igreja Reaccionária  
Afirma o seu atrazo e é sectária,  
Em Guimarães uma outra Igreja há:  
Uma Igreja voltada p'ra o Futuro,  
Que nada quer com o passado escuro,  
Que a Igreja progressista é que é cristã.

Há quem proteste contra os saneamentos,  
Muitos dos quais peçados de defeitos;  
E tais erros, se existem, são fatais;  
Salve o respeito a humanos sentimentos,  
Se muitos saneamentos foram feitos,  
Deveriam ser feitos muitos mais...

Um difícil problema veio agora  
Tornar pior a vida por aí fora:  
E quero referir-me aos retornados.  
Muitos deles não têm culpa nenhuma;  
A verdade, porém, é esta, em suma:  
Estamos a pagar velhos pecados...

Anda, por aí também a epidemia  
Da cólera — e que pode dar razia  
De vidas, e põe tudo numa fona;  
E se queres livrar-te da maleita,  
Não comas, meu amigo, desta feita,  
Berbigão, ou tremço, ou azeitona...

Uma coisa que está a dar na vista,  
É o fruto da **moral** capitalista,  
É o espectro, a aumentar, do desemprego;  
E passa mau bocado, está de ver,  
Alguém que não tiver  
Onde possa empregar-se, nem apêgo...

E por razões, ou sem razão alguma,  
Empresas vão fechando, uma por uma,  
Se não lhes lançam lume e gasolina...  
E deste jeito, a nossa economia,  
Vai resvalando em trágica anemia,  
Vai ficando **à divina!**...

Em todo o caso, toda a gente fala,  
Somos ricos em treta, ninguém cala,  
Ninguém quer trabalhar, e era preciso.  
Se há muita coisa que não tem a malta,  
Um entre todas, e que mais lhe falta,  
É sem dúvida a falta de juízo.

Cafés, "boites" e pastelarias,  
Estão sempre a abarrotar, dias e dias,  
De quem nada produz, tardes inteiras!  
E em Portugal há tanto que fazer,  
Tanto chão a lavrar e a atender,  
Vergeis, e montes, e quintais, e leiras!



Uma coisa notada  
É que foi a polícia desarmada,  
Diz-se p'ra aí p'ra tudo correr bem;  
E se acontece haver algum barulho,  
Nem a polícia rapa de estadulho,  
Nem a Guarda intervém!

E preconiza a nossa Governança  
Que se devem usar, e sem tardança,  
Medidas de severa austeridade.  
Para atingir, acaso, esse ideal,  
Acabe tanto carro em Portugal,  
Pois isso já está a ser calamidade.

A todos nós causaram aflição  
Os incêndios, durante o verão passado;  
Houve quem acusasse a Reacção,  
Mas ela era "incapaz" de tal pecado...

Dizem que são seguras as prisões,  
E fazem rir estas afirmações,  
Que os factos desmentem, afinal.  
É esta verdade cada qual concentre:  
Que os pides que fugiram de Alcoentre,  
Se o fizeram, enfim, não foi por mal...

Povo, que tens a inteligência esperta,  
Abre bem o teu olho, põe-te alerta,  
Solta o grito: "arraial por Portugal!"  
O perigo pode estar ao pé de ti:  
Pois correm muitos dólares por aí,  
Que a Cia anda por cá a fazer mal...

Povo amigo, olha bem pelas lavouras,  
Cria cabritos, e cabrões e touras,  
Cuida vinhedos e trigais também;  
Aumenta a produção, e com carinho  
Desenvolve a colheita do teu vinho,  
Porque a Rússia t'o compra, e paga bem!

Não correm bem as coisas nos jornais;  
Conferências de Imprensa nunca mais  
Terminam, nem têm pressa de acabar;  
Andam bombas, por aí, aos empurrões;  
Manifesta-se o Povo, orquestrações  
Que pedem a "justiça popular".

E como é bom fazer "girar" a **massa**,  
Raro o dia que passa  
Que não assalte um banco a malandragem,  
Nesse ponto **progride** este país,  
Pois é risonha, e próspera e feliz  
A "indústria" nacional da gatunagem...

E diz-se que a Reacção e certo clero,  
Num acto de deplorável desespero,  
Ao ver que os privilégios vão perdidos,  
Aqui e além, e em vaga maré-cheia,  
Assalta e incendeia  
Os centros de trabalho dos partidos.

Mas não é tudo mau e bem modernas  
Cada vez mais e mais mostram as pernas  
As mulheres adoráveis, pelas ruas:  
É um consolo para os olhos vê-las,  
Porque ao passarem pelas praças, elas  
Nos aparecem cada vez mais nuas!...

A mulher, hoje, já mulher não é:  
É uma chaminé,  
E bem diferente da mulher de outrora:  
Belos tempos antigos e risonhos  
Em que ela era a flor dos nossos sonhos  
E em que sabia ser uma Senhora!

Vai por Espanha a coisa muito má:  
A cantar o Alcorão, pelo Sará  
Entra a moirama em arraial campestre;  
E esse povo espanhol, um grande povo,  
Em breve vai fazer um país novo,  
Que o fascismo está a dar o "peido mestre".

Kissinger, o caixeiro americano,  
Que o mundo percorreu, vaidoso e ufano,  
Da Conchinchina até Honolulu,  
Segundo nota pela Imprensa dada,  
Teve o pago de muita traiandada,  
Levando agora um pontapé no cu.

Costa Gomes, o nosso Presidente,  
Que tem desenvolvido esforço ingente,  
Numa aproximação de largas vistas  
Anda a unir o querido Portugal  
(E podeis crer que não o faz por mal)  
Às prósperas nações socialistas.

E vai-se reforçando a frente operária;  
Nacionalizações, reforma agrária  
São preciosas, grandiosas leis;  
E p'ra que não se perca a Revolução,  
É necessário, então,  
Que o sossego se sinta nos quarteis.

Portugal deu ao Mundo uma lição  
De alevantada civilização  
E bom é que se saiba e que isto fique,  
Numa larga visão de inteligência,  
Ao dar a independência  
A Angola, à Guiné e a Moçambique.

Depois de tudo quanto fica dito,  
Cobra ânimo, Povo, e nunca aflito  
Te vejamos, com ânsias ou pavores;  
E com vigor antigo, aí, **à preta**,  
Empunha com furor a maçaneta  
E esfolta bem a pele dos tambores!

Novembro de 1975

A. Garibáldi